

O PREÇO DO RISCO: A EXPERIÊNCIA DOS MOTOTRABALHADORES EM PELOTAS-RS

JOÃO MATHEUS SOARES MIRANDA¹; LORENA ALMEIDA GILL²

¹ Universidade Federal de Pelotas – joaomatheusmiranda@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa visa compreender sociologicamente as fundamentais motivações que levam os indivíduos a exercerem o trabalho de motoboys e mototaxistas na cidade de Pelotas-RS, considerando os riscos diários enfrentados na profissão, como os rotineiros acidentes e frequentes casos de roubos sofridos por esses trabalhadores, bem como a percepção destes em relação ao aspecto econômico e a sua construção identitária.

Constituem, tais indivíduos, uma categoria de trabalho que normalmente é relegada àqueles que não encontram no mercado formal e “tradicional” de emprego, um conjunto de condições minimamente satisfatórias. Mas quanto realmente vale o risco de ser um mototrabalhador? Os acidentes, o aspecto da saúde e segurança do trabalho, a violência urbana e a insegurança cotidiana, são questões que se pretende abordar reflexivamente, sob o enfoque de novas significações dadas ao trabalho, informalidade e precarização.

Analisa-se ainda, os aspectos motivacionais que colaborem ou demonstrem ser essenciais para o exercício da profissão, utilizando técnicas de entrevistas buscando na oralidade a identificação do mototrabalhador, abordando os aspectos culturais e sociais que constituem a sua história de vida; remonta também à dinâmica do trabalho, a percepção identitária, as consequências do estigma e os desdobramentos sociais oriundos do trabalho de risco.

2. METODOLOGIA

Durante aproximadamente duas semanas, no decorrer do segundo semestre do ano de 2015, se acompanhou a rotina dos motoboys em um ponto localizado na região central de Pelotas-RS. Realizados os primeiros contatos e feito um estudo exploratório prévio, definiu-se que a entrevista via História Oral seria a melhor técnica a ser empregada, por conta das fortes narrativas que se ensaiavam nas primeiras trocas de informações com os trabalhadores. As experiências vividas pelas mototrabalhadores, o apelo à memória e o aspecto subjetivo dos sujeitos também são meios de difundir conhecimento, conhecer o “outro”, descortinar indivíduos, grupos, processos sociais, “fazer ciência”; sendo a História Oral instrumento facilitador desta nova possibilidade.

Ao longo deste ano, outras entrevistas foram realizadas e pontos visitados, entre eles dois na região central (ponto de motoboys chamado União e Rainha moto táxis), um no bairro Santa Terezinha e ainda, um motoboy autônomo, viabilizando seis entrevistas sob a metodologia de história oral, devidamente gravadas e posteriormente transcritas para análise. As entrevistas foram realizadas e gravadas (com a devida autorização) além de conversas informais que ajudaram a compreender a dinâmica da profissão e conhecer o ambiente de concentração desses trabalhadores. Além do gravador, foi utilizado um diário de campo que serviu para

anotações relevantes para a pesquisa. Foi empregado também, um roteiro guia que servia para nortear a entrevista e especialmente para que todos os pontos pertinentes fossem abordados. Os entrevistados assinaram termos de consentimentos ou anuíram com a gravação no próprio áudio. O critério para a escolha dos entrevistados foi baseado, obviamente, além da disposição em contribuir, a capacidade de comunicação dos indivíduos, avaliada anteriormente em exercícios exploratórios e conversas informais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os mototrabalhadores são apontados como indivíduos desprovidos de chances ou oportunidades de ascender, suprimidos por sua posição de base em uma possível análise de pirâmide social. São inseridos em um conjunto de outros serviços que realmente sofrem com o quase inescapável destino da imobilidade social por conta da baixa ou inexistente escolarização ou profissionalização. A dificuldade de ingresso no mercado formal ou o desemprego repentino condicionam uma necessidade de ação dos trabalhadores, através de novas alternativas. Surge, portanto, a chance de trabalhar com a moto, um jeito simples de trazer dinheiro para dentro de casa. Sob uma perspectiva econômica, não estar sob o véu do emprego socialmente protegido, ainda que fatores precarizantes da atividade possam ser elencados, vira apenas um detalhe, ou pela retórica dos mototrabalhadores, uma vantagem.

Até começarem a desempenhar a função nas motos, os trabalhadores se enxergavam com baixa estima, fadados à vida de poucas escolhas e oportunidades, trabalhando e vivendo pelo salário mínimo. Como motoboys ou mototaxistas a percepção financeira sobre o novo trabalho aflorou rapidamente e o discurso da liberdade da profissão favorecia ainda mais o "gosto" em ser mototrabalhador. O que antes era uma ação motivada pela falta de opções, se tornou em uma certeza fortemente reiterada, ao menos no nível do discurso: persistir com a moto é a verdadeira escolha.

O sonho de uma vida mais estabilizada financeiramente, a satisfação de alguns desejos de consumo cotidianamente vinculados ao padrão social de felicidade da classe média, o acesso ao crédito comprovado pela nova e substancial renda, são todos elementos constituintes de uma formação de trabalhadores que sob a perspectiva de Souza (2012) poderiam ser localizados entre a "ralé" e os "novos batalhadores", dependendo do caso concreto. Os mototrabalhadores em Pelotas parecem ter feito esse caminho de transição, vivendo uma experiência de "ralé" até o momento que o trabalho com a moto começa a render cada vez mais financeiramente, elevando-os ao novo patamar econômico.

Os indivíduos que antes viviam para trabalhar e trabalhavam para viver, sem gozar de nenhuma benesse do dinheiro ganho pelo trabalho, com a nova condição financeira estabelecida pelo trabalho com a moto, sentiram o gosto de ir além das quitações das contas básicas para a manutenção de suas casas. Não que eles tenham mais tempo para usufruir das novas conquistas, pelo contrário, trabalham cada vez mais, mas diferentemente da ralé precarizada o dinheiro pelo trabalho sobra ou ganha poder de crédito direto. Resumidamente, podemos dizer que continuam vivendo para trabalhar e trabalhando para viver, mas com a vantagem de que há um sentido lógico para a vida de sacrifícios. Enquanto à "ralé" o esforço de trabalhar dia após dia não era recompensado senão pela manutenção da dignidade obtida pelo trabalho honesto, como mototrabalhadores a realidade experimentada parece ser outra.

A dimensão das relações que envolvem as questões do trabalho sofreu significativas transformações ao longo da história. As novas morfologias do capitalismo, dos seus modelos de gestão e o avanço de preceitos neoliberais nas últimas décadas, enseja a impressão ao senso comum de que o aspecto financeiro é o único combustível que organiza e determina o trabalho dos indivíduos. Abordando as relações de trabalho por uma perspectiva meramente econômica, o homem estaria fadado a valores sociais constituídos basilarmente pelo economicismo, afirmativa que pretendemos desconstruir ao longo do trabalho. Pelo menos no que tange ao exercício da profissão dos motoboys e mototaxistas em Pelotas, a referida afirmativa economicista é uma "meia verdade", um ponto de partida para compreendermos o que vai além de um novo padrão de consumo dos trabalhadores. A renda obtida pelo trabalho é, portanto, ponto nevrálgico que desperta a inicial e necessária pergunta a qual delimita a pesquisa: o aspecto econômico é a principal motivação dos trabalhadores das motocicletas?

O trabalho sobre a moto é permeado por uma dinâmica própria, de valores específicos e códigos de conduta construídos ao longo das jornadas de trabalho, da convivência, do costume. Os mototrabalhadores constituem uma nova formação de categoria que absorve diferentes indivíduos com um passado de empregos socialmente protegidos que, por diferentes razões, encontraram na motocicleta uma possibilidade de trabalho e renda diante de um afastamento da centralidade do mercado. Estamos tratando de uma categoria de trabalhadores que se constrói da fragmentação de uma classe não escolarizada, da impossibilidade de uma incorporação social vinculada ao emprego protegido, da cidadania que a carteira de trabalho assinada trazia aos indivíduos.

A primeira mudança sentida com o novo trabalho diz respeito ao aspecto econômico. É possível que o mototrabalhador consiga perceber logo no primeiro mês como motoboy ou mototaxista um aumento de renda comparado ao período que trabalhava com "carteira assinada". O aumento substancial da renda é um sinal dado com muito entusiasmo pelos trabalhadores em questão, e, ainda que deva ser trabalhado sob certas limitações conceituais, ajuda a compreender como a profissão se estabelece.

A baixa escolaridade desses indivíduos, em tese, seria fator limitador de uma condição favorável de inserção e permanência no mercado de trabalho. O fato de logo no primeiro período, dentro de uma profissão que deveria ser temporária, conseguirem um retorno financeiro jamais obtido, faz com que revejam o status de temporariedade do trabalho. Os tempos de dinheiro "contado" e somente no início de cada mês, deu lugar ao que os mototrabalhadores consideram uma vantagem de trabalhar autonomamente com a moto: o dinheiro na mão, todo dia e muito mais do que anteriormente. Passado o primeiro impacto positivo que o retorno financeiro do trabalho individual proporciona, outros fatores ajudam a incrementar e consolidar as vantagens percebidas pelos mototrabalhadores. Exatamente aqui, a lógica meramente economicista dá lugar aos aspectos subjetivos de satisfação em desempenhar determinado cargo ou função remunerada.

A ideia de que a ação humana é voltada unicamente para a maximização dos seus interesses pela perspectiva do dinheiro, não encontra guarida plena entre os trabalhadores motociclistas. A formação do *homo economicus*, pelo menos no caso dos mototrabalhadores em Pelotas, sofre uma metamorfose que os inclina a ver a profissão por outro paradigma. Palavras simbolicamente fortes como liberdade e autonomia ganham peso nas vozes ouvidas. Podemos dizer que o começo do ofício se dá por questões relacionadas ao dinheiro, normalmente a falta dele, mas fica cada

vez mais evidente que a permanência na profissão é garantida por questões que sobrepõe o espectro financeiro.

O trabalho que exerce os profissionais das motocicletas, pode ser considerado um dos escassos casos, em que indivíduos pouco escolarizados conseguem obter do seu trabalho significantes que vão além da necessidade do labor pela subsistência e do reconhecimento identitário pelo trabalho. Nós encontramos ali, indivíduos que além de enxergarem o seu lugar no mundo pela perspectiva do que fazem, não conseguem sequer se imaginar atuando em outra função. A questão transcende o pertencimento pelo trabalho e adentra na satisfação pessoal em fazer o que realmente gostam e descobriram fazer bem. Cabe, aqui, demonstrar que apesar de se constituírem como motoboys ou mototaxistas por fatores de indisponibilidade de ofertas e opções, foi no gosto pela prática do trabalho que deixar a profissão não é momentaneamente cogitada. Eles não sonharam em ser mototrabalhadores mas hoje, salvo se forem ser donos do próprio negócio, não querem deixar de ser.

4. CONCLUSÕES

Os mototrabalhadores em Pelotas demonstram ser uma categoria de trabalhadores que, embora marcados pela distinção entre motoboys e mototaxistas, expressam uma relação diferente com a sua atividade em relação a outros grupos de trabalhadores que carregam as mesmas marcas da não qualificação profissional e baixa escolaridade. Enquanto outros batalhadores lutam insistentemente para a subsistência e uma melhor condição econômica, trabalhando na informalidade absoluta, precariamente ou pessimamente remunerados, sem satisfação e retorno qualitativo de renda execrável, os mototrabalhadores conseguem destacar-se pela conquista do binômio: renda e satisfação.

Todos os fatores de risco e jornadas de trabalho extenuantes são colocados em segundo plano pelos mototrabalhadores, especialmente por serem conhecedores do que o mercado de trabalho oferece (ou não) aos pouco escolarizados. As próprias experiências anteriores endossam o desejo e as vantagens do trabalho com a moto, sendo, para os trabalhadores, a única possibilidade efetivamente disposta para uma vida mais tranquila economicamente. É justamente na excepcionalidade do caso dos mototrabalhadores em Pelotas que o presente trabalho se sustenta. Pela riqueza dos relatos obtidos diversos subtemas são incorporados e enriquecem as possibilidades de pesquisa sobre o tema central, tais como: informalidade, precariedade, risco, feminilização do trabalho e estigma.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, A. M. **A construção da Sociedade do Trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- CARDOSO, A. M. **Ensaio de sociologia do mercado de trabalho brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- SOUZA, J. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009
- SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012